



Ambiente Luta contra as alterações climáticas passa pelas tecnologias da informação

Amesterdão quer ser capital das cidades sustentáveis

Aposta reside no recurso criativo às tecnologias da informação. É a batalha pela sustentabilidade em que Lisboa também está envolvida

José António Cerejo

● Descrever Lisboa como uma cidade amiga do ambiente - onde os espaços verdes são um brinco, os transportes públicos funcionam em articulação perfeita com milhares de bicicletas particulares e os desperdícios energéticos e a qualidade do ar são uma preocupação de todos e de cada um - é sonhar com um futuro promissor, mas certamente longo. O dia-a-dia de Amesterdão, uma metrópole com uma dimensão semelhante à da capital portuguesa (740.000 habitantes), permite acreditar, porém, que os sonhos se podem tornar realidade e que o crescimento desordenado pode dar lugar ao desenvolvimento harmonioso e sustentável.

Sintomático é o facto de a capital holandesa não se contentar com o que tem e que tanto faz pismar os visitantes. "Queremos ser cada vez mais um terreno fértil para o surgimento de estratégias inovadoras face à ineficiência das infra-estruturas urbanas tradicionais", repisa o presidente do município local, Job Cohen, um autarca que não é eleito - é designado pela Coroa -, mas que reúne apoios muito amplos.

Em pleno centro da cidade, a qualquer hora do dia, circula-se tranquilamente de automóvel, de bicicleta, de eléctrico, a pé, ou mesmo de barco pelos seus 165 canais. Ninguém se atropela, um maestro invisível pare-

ce reger os fluxos de tráfego, a velocidade média de uns e outros está a léguas de distância do nosso passo de caracol. E estacionar um carro até é quase tão fácil como fazê-lo com uma bicicleta, o que não quer dizer que seja simples e muito menos barato. Mas quem estiver disposto a pagar 4,8 euros por hora consegue um lugar com vista para os canais, mesmo no coração do centro histórico.

Um exemplo a seguir

"Desde que aqui cheguei, há ano e meio, nunca me passou pela cabeça comprar um automóvel", afirma Maria Estrada, uma jornalista mexicana. Reside a meia hora de comboio do centro e, tal como uma grande parte do milhão e meio de habitantes da chamada Grande Amesterdão, tem duas bicicletas: uma para ir de casa à estação, nos subúrbios, e outra para percorrer o caminho até ao escritório, no centro da cidade. Quando quer fazer um passeio dificilmente compatibilizável com o uso de transportes públicos, coisa rara para ela, aluga um carro por uns dias. O mais notável é que deslocar-se de bicicleta não é ali uma coisa de pelintras, nem é chique: é apenas natural e óbvio, um estilo de vida partilhado por todos os estratos da sociedade.

A exemplaridade da principal cidade holandesa não se fica, contudo, pelas questões da mobilidade. Exprime-se no estado das ruas, dos jardins e da água dos canais, no tratamento dos resíduos sólidos, na conservação dos edifícios antigos e modernos, na sensibilidade dos cidadãos aos fenómenos do aquecimento global e das alterações climáticas, no combate em favor da tolerância entre as 174 nacionalidades que ali convivem, na programação das novas urbanizações, na gestão dos solos urbanos - solos que, por coincidência ou não, são quase todos propriedade do município... Convém dizer também que o município tem 25.000 trabalhadores (em Lisboa são apenas 11.000 e há quem diga que são demasiados), número que poderá não ser alheio a muito do que extasia os visitantes.

"Parece que eles já resolveram todos os problemas, mas mesmo assim

Com as casas abaixo do nível do mar, os holandeses vêem o aquecimento global como uma ameaça séria



levam a sério as questões da sustentabilidade, que para nós são apenas teóricas", afirma Anil Sasi, um jornalista indiano que acompanhou o PÚBLICO numa visita a uma espécie de loja do cidadão reservada ao acolhimento de trabalhadores estrangeiros altamente qualificados e acabados de chegar à Holanda (os *knowledge migrants*). É certo que Anil Sasi conhece uma das razões para que assim seja: "Eles já não têm de se preocupar com problemas básicos como a subsistência quotidiana, que na Índia afecta pelo menos 500 milhões de pessoas, metade da nossa população."

Desafio e oportunidade

Mas há pelo menos outra explicação para que as autoridades municipais de Amesterdão tenham transformado a luta contra as alterações climáticas, o combate às emissões de dióxido de carbono e o aumento da eficiência energética numa bandeira partilhada pelos agentes económicos, científicos e culturais e por grande parte da população: o desenvolvimento sustentável é visto como uma condição de sobrevivência e ao mesmo tempo como uma enorme oportunidade de negócio.

Solos urbanos são propriedade municipal
Mais-valias financiam as políticas da cidade

Comprar um terreno onde não se pode construir, manobrar na câmara para o poder urbanizar e depois arrecadar uma mais-valia milionária - eis um jogo proibido em Amesterdão. O motivo é simples: todos os solos são propriedade municipal, à excepção dos que foram comprados por particulares antes de 1896 e que somam vinte por cento do total. "O terreno é propriedade do povo de Amesterdão e a nossa função é aumentar a riqueza do povo", diz Dirk van der Woude, um dos responsáveis da Development Corporation, o departamento municipal que assegura a gestão dos solos. O

sistema baseia-se numa espécie de aluguer de longa duração negociado entre os interessados em construir num determinado local e o município. O que ali se pode fazer está rigidamente estabelecido na programação do território aprovada previamente e o aluguer, perpétuo ou temporário, está sujeito a revisões periódicas.

Em muitos casos, a cedência dos terrenos é objecto de leilão entre os promotores e estes são obrigados, nas zonas habitacionais, a destinar 30 por cento dos fogos à habitação social. Os objectivos essenciais são três: transferir para a comunidade, através do financiamento das políticas municipais, as mais-valias geradas pelo processo de urbanização; assegurar um maior controlo do uso da terra e um planeamento mais eficaz; e contrariar a especulação imobiliária.

Bicicletas

600.000

Com 740.000 habitantes, a capital holandesa conta com 600.000 bicicletas e um sem-número de locais próprios para as deixar, incluindo barcos estacionados nos canais e silos de vários andares. Mesmo assim, nem sempre é fácil arranjar lugar





Situada quatro metros abaixo do nível do mar, Amsterdão não podia deixar de encarar o aquecimento global e a subida da água dos oceanos como uma terrível ameaça, que exige a adopção de medidas drásticas. Daí o município ter apostado em metas tão ousadas quanto a descida em 40 por cento, nos próximos dez anos, das emissões de CO₂, relativamente aos níveis de 1990. E a experiência acumulada em séculos de corpo-a-corpo com a força do mar, e de convívio harmonioso com uma natureza adversa, não podia ser encarada senão como um trunfo para transformar em riqueza os desafios presentes.

“As nossas soluções de mobilidade, de eficiência energética, de reciclagem de resíduos ou de economia de recursos podem ser repercutidas em muitos outros locais como um contributo inovador para o desenvolvimento sustentável”, afirma Carolien Gehrels, vereadora da Cultura e da Competitividade no município de Amsterdão. Mais directo é Job Cohen, o presidente da câmara local. “Nós somos um povo de mercadores. Um dos nossos desafios é encontrar ideias inovadoras e criativas nos domínios da sustentabilidade e vendê-las ao resto do mundo”,

sintetiza, salientando que uma das actuais apostas da cidade reside em “combinar a agenda das tecnologias da informação e da comunicação com a agenda ambiental”. Ou seja: a batalha já não se circunscreve aos campos mais tradicionais dos transportes ou do aquecimento dos edifícios, mas visa também a maximização dos benefícios das tecnologias da informação, com o recurso generalizado às redes de fibra óptica, à banda larga e a soluções que reduzam os consumos de energia.

A ideia - sublinhou Job Cohen na semana passada, no decurso de uma conferência internacional realizada no quadro do programa Connected Urban Development, uma parceria que reúne a empresa Cisco, um dos líderes mundiais em redes informáticas, e sete cidades de vários continentes, como a capital holandesa e Lisboa - é “reforçar o papel de Amsterdão como centro de incubação de projectos inovadores que contribuam para o desenvolvimento sustentável e que possam ser postos em prática em toda a parte”.

O PÚBLICO viajou a convite do município de Amsterdão

Parceria com Lisboa Um projecto piloto no Campo Grande

● O edifício da Câmara Municipal de Lisboa no Campo Grande é um dos dois em que a autarquia pretende desenvolver um projecto piloto na área da eficiência energética. O trabalho foi iniciado já este Verão e prende-se com a sua participação portuguesa no Connected Urban Development (CUD), um programa que envolve as cidades de Amsterdão, São Francisco, Seul, Madrid, Hamburgo e Birmingham, além da companhia Cisco, no contexto da iniciativa Clinton sobre as alterações climáticas.

A adesão de Lisboa a este programa foi protagonizada pela câmara, pelo Ministério da Educação e pela EDP e foi anunciada em Maio deste ano. O objectivo consiste em desenvolver e testar soluções inovadoras na área da eficiência energética dos edifícios públicos, incluindo escolas, com recurso às tecnologias da informação aplicadas à produção e gestão da energia nesses locais.

Por enquanto não há muitos pormenores, mas a Cisco, que garante o apoio tecnológico ao projecto, salienta que essas soluções devem ser susceptíveis de aplicação em outras cidades de todo o mundo e devem demonstrar “o papel relevante das tecnologias da informação e comunicação na redução das emissões de carbono em ambiente urbano”.

Para além do edifício Campo Grande 25, cuja adequação às funções que desempenha foi fortemente contestada quando ali foram instalados os serviços de urbanismo do município, há cerca de oito anos, as entidades envolvidas no programa CUD estão a estudar soluções do mesmo género para uma escola secundária que está a ser reabilitada em Lisboa.

O empenho da câmara da capital neste campo foi aliás confirmado, na semana passada, pela presença do seu presidente, António Costa, no segundo dia da conferência que reuniu em Amsterdão numerosos especialistas nos domínios do desenvolvimento sustentável e representantes de todas as cidades que participam no programa CUD.



António Costa